

**A “ÚLTIMA HORA”:
DOCTRINAS E CRENÇAS ESCATOLÓGICAS CATÓLICAS
NO FINAL DO SÉCULO XX**

KALLIANY MOREIRA MENEZES*

Segundo Koselleck (2006: 24), a história da Cristandade, até o século XVI, seria uma história das expectativas, de uma contínua expectativa do final dos tempos, e dos repetidos adiamentos desse mesmo fim do mundo.

O cristianismo defende que com Jesus a escatologia¹ entrou na história e começou a realizar-se. Assim, a história voltaria-se para o futuro, para “o cumprimento ou consumação final realizada pela vinda gloriosa do Filho do Homem” (LE GOFF, 1996: 344). A espera da volta de Cristo e da implantação de seu reino terrestre que, segundo o Apocalipse (20, 1-6), duraria “mil anos”, deu o nome a toda uma série de crenças, de teorias, de movimentos orientados para a ativação dessa era: os milenarismos (ou segundo o grego, *chiliasmos*), que não necessariamente estariam ligados a Cristo, nem ao número mil, que simbolicamente representaria uma indeterminação temporal, um longo período de uma mudança qualitativa e radical na sociedade, uma espécie de prefiguração terrestre do paraíso.²

O “Apocalipse de São João” também teria instaurado o significado catastrófico do adjetivo “apocalíptico”, e, segundo Jean Delumeau, teria contribuído para modelar o “cristianismo do medo” (LE GOFF, 1996: 348-349). Assim, a expectativa do fim do mundo tornara-se parte integrante da própria Igreja, de tal modo que esta pôde se estabilizar tanto sob a ameaça de um fim do mundo que poderia acontecer a qualquer momento como na esperança da parúsia (KOSELLECK, 2006: 26).

De acordo com Le Goff (1996: 356), a Igreja temendo o teor revolucionário

* Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bolsista FUNCAP.

¹ Segundo Le Goff (1996: 325), o termo escatologia designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo. Teria origem no termo grego, geralmente empregado no plural, *tá escháta* “as últimas coisas”. Porém, alguns especialistas, nomeadamente teólogos e historiadores da religião, empregam no singular, *escháton* “o acontecimento final”, para designar o Dia do Juízo Final, segundo o Apocalipse cristão.

² Para Le Goff (1996: 328-329), muitas vezes o aparecimento desse *Millenium* está ligado à vinda de um salvador, de um guia sagrado que ajuda a preparação para o fim dos tempos, chamado Messias na tradição judaico-cristã, derivando daí o nome de *messianismos*.

dos milenarismos condenou-os oficialmente no Terceiro Concílio Ecumênico de Éfeso, no ano 431 d.C. E, seguindo a linha agostiniana, passou a combater os milenarismos, afastando as contradições da interpretação do *Apocalipse*, ignorando as perspectivas do fim dos tempos e reduzindo a escatologia à doutrina e à espiritualidade. Assim, a Igreja Católica aceitaria a crença em um Fim dos Tempos seguido de um julgamento divino de todos os seres humanos, mas não a proximidade desse fato (apocalipsismo), nem a existência de um reino terrestre de Cristo entre o Apocalipse e o Juízo Final (milenarismo), muito menos a iminência desse reino (apocalipsismo milenarista) (FRANCO JÚNIOR, 1999: 42).

Todavia, apesar da Igreja Católica negar explicitamente esses movimentos afirmando que não estaria nos desígnios divinos destruir “o mundo criado por Ele mesmo”, apesar de a humanidade continuar “cometendo pecados, até maiores que os descritos no Dilúvio”, como declarou o Papa João Paulo II, em fevereiro de 1997 (JUNQUEIRA, 1997: 104-105). Para Franco Júnior (1999: 75), essas crenças apareceriam no subtexto e nas referências aos fenômenos naturais e sociais, como: eclipses, cometas, terremotos, fomes, epidemias, conversão de judeus, queda do Império Romano etc.

Segundo a doutrina escatológica da Igreja Católica, estaríamos na “última hora”, na era final do mundo. O tempo presente seria o tempo do Espírito Santo e do testemunho, porém também seria um tempo marcado pela aprovação do mal, que inauguraria os combates dos últimos dias (CATECISMO ..., 2000: 193).

O Reino de Cristo, presente em sua Igreja, mas ainda não consumado por Seu advento na terra, já estaria manifestando sua presença por sinais milagrosos. O advento de Cristo poderia ocorrer a qualquer momento, embora advirtam que não nos caberia ao homem conhecer os tempos e os momentos que o Pai reservou com sua própria autoridade (At 1, 7). Porém, apesar de ninguém saber o término desse tempo, ele dependeria de Deus e da fidelidade das comunidades, que poderiam apressá-lo ou atrasá-lo (O SONHO ..., 1996: 290-291). Por isso, para apressar a volta de Cristo, os cristãos orariam, sobretudo na Eucaristia, dizendo-lhe: “Vem, Senhor” (Ap 22, 20).³

A vinda do Messias dependeria também da história, mais especificamente

³ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2000: 193, 364-388), o terceiro sacramentos da Igreja, a Eucaristia, além de ser o memorial da Páscoa de Cristo “é também a antecipação da glória celeste”, pois na última ceia, o Salvador prometerá: “Desde agora não bebereis deste fruto da videira até aquele dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino de meu Pai” (Mt 26, 29).

“do reconhecimento dele por ‘todo Israel’” (Rm 11, 26). E antes do advento de Cristo, a Igreja prega que passará por uma provação final que abalará a fé de muitos crentes.

A perseguição [...] desvendará o “mistério de iniquidade” sob a forma de uma impostura religiosa que há de trazer aos homens uma solução aparente a seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A impostura religiosa suprema é a do Anticristo, isto é, a de um pseudo-messianismo em que o homem glorificará a si mesmo em lugar de Deus e de seu messias que veio na carne (CATECISMO..., 2000: 193-194).

Portanto, o Reino não se realizaria por um triunfo histórico da Igreja segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o mal, na forma do Juízo Final. Ao vir no fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos, Cristo revelaria a conduta de cada um e lhes retribuiria segundo suas obras. Depois do Juízo Universal, os justos reinariam para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo seria renovado literalmente, “céus novos e terra nova” (CATECISMO..., 2000: 195-196, 294).

APARIÇÕES E REVELAÇÕES

De acordo com Câmara Cascudo (2001: 451-452), mesmo com a Igreja Católica condenando os *milénarismos*, eles continuaram: "borbulhando do século XVI em diante e ainda no XIX os doutores ingleses e alemães assustavam com a decisão apavorante para o Ano Dois Mil. [...]. Todas as profecias que os folhetos registram e o Povo vê, são peremptórias: - Do Ano Dois Mil não passará a criatura vivente!". Para Cascudo (2001: 452-453), a memória seria a mesma dos anos 950-1000, pois as datas imutáveis resistiriam numa fatalidade hereditária: “na voz augural dos Nostradamos cabocos. A passagem dos séculos, ou dois zeros sinistros como dois olhos vazios, de cem em cem anos, sugeria admoestações e homílias nas dimensões do arrependimento e do medo julgadores”.

Podemos perceber também essa expectativa milenarista em uma tradição imemorial da Sagrada Família: "antes da Ascensão, Nosso Senhor apanhando um leve punhado de areia, disse aos Discípulos: - *Até mil e pouco!*, e atirou-o ao vento. Nossa Senhora, apiedada do prazo concedido, encheu a santa mãozinha de areia e jogando-a também ao ar, suplicou: - *E mais estes, meu Filho!*". Conforme Câmara Cascudo (2001: 405, 407), os católicos viveriam “essa dádiva suplementar da Mãe de Deus,” a quem os brasileiros dedicariam “a devoção mais profunda e popular.”

Na Igreja Católica a Virgem Maria é reconhecida e honrada como a

verdadeira mãe de Deus, “Maria, Mãe de Cristo, Mãe da Igreja”. Invocada sob os títulos de advogada, auxiliadora, protetora, medianeira. Segundo o Concílio, depois de Cristo, ocuparia na Igreja o lugar “mais alto e o mais perto de nós”. Sendo que a sua missão materna em favor dos homens de modo algum obscureceria nem diminuiria a mediação única de Cristo; pelo contrário, até ostentaria sua potência, pois todo o salutar influxo da bem-aventurada Virgem derivaria dos superabundantes méritos de Cristo (CATECISMO..., 2000: 272, 274).

No Catecismo da Igreja Católica (2000: 275) Nossa Senhora é identificada como “ícone escatológico da Igreja”. Maria seria a Mulher do Apocalipse, a “Mulher vestida do Sol”, Aquela que nos prepararia para a vinda do Senhor. São Luís de Montfort, em Tratado da verdadeira devoção à S.S Virgem, escreveu: “A salvação do mundo começou por Maria, e é por ela que se deve consumir”. (SILVA, 1997: 2, 3, 124).

Um dos modos Dele nos preparar para o advento seria através de suas freqüentes “Aparições”.⁴ Segundo a Comissão Episcopal de Doutrina (CED) as “Aparições e Revelações Particulares” haviam se multiplicado significativamente nos últimos séculos. Entre os séculos XIX e XX, contavam-se cerca de 310 aparições de Nossa Senhora. No século XX, havia um expressivo número de casos, reais ou presumidos, ainda não depurados pelo tempo, ligados principalmente a aparições de Nossa Senhora. Fora do Brasil, afirmam que haveria uma certa regularidade de casos, a partir de 1940. No Brasil, as aparições e revelações teriam começado a se intensificarem, a partir de 1960.⁵ Abaixo listamos as aparições marianas mais conhecidas no Brasil, na década de 1990:

1. 1988 em diante: São José dos Pinhais, Paraná. Aparições de Nossa Senhora Rosa Mística, Nosso Senhor Jesus Cristo, São José, Anjos, Arcanjos e querubins a Eduardo Ferreira.
2. 1992 em diante: Araraquara, São Paulo. As aparições de Nossa Senhora Rosa Mística foram reconhecidas e aprovadas pela Igreja Católica. A Associação "Magnificat" recebeu a Benção Apostólica do Papa João Paulo II.
3. 1994 em diante: Itapiranga e Manaus, Amazonas. Aparições de Nossa Senhora do Rosário e da Paz, de Nosso Senhor Jesus Cristo, São Miguel

⁴ A Igreja católica reconhece que Maria teria feito sua primeira aparição logo após a Sua Assunção, no ano 48, quando os Apóstolos estavam reunidos na cidade de Éfeso, atual costa da Turquia.

⁵ A Comissão Episcopal de Doutrina (CED) buscando esclarecer as questões teológicas/doutrinárias levantadas pelos Bispos na 25ª Assembleia Geral da CNBB, de 22 de abril a 1º de maio de 1987, elaborou uma coleção com alguns subsídios doutrinários. O primeiro volume, lançado em 1989, tratou das “Aparições” procurando dar uma orientação diante dos fenômenos que, também no Brasil, se multiplicavam, “deixando muita gente confusa, tanto no julgamento teórico, como nas atividades práticas a tomar” (APARIÇÕES ..., 2005: 5-8, 22).

Arcanjo, São José a Edson Glauber e Maria do Carmo.
4. 1996 – 2004. Vitória da Conquista, Bahia. Aparições de Nossa Senhora Mãe e Rainha das Famílias, de Nosso Senhor Jesus Cristo, São Miguel Arcanjo, São Gabriel Arcanjo, e três mensagens de Deus Pai a Fabiana Simonassi. (APARIÇÕES MARIANAS, 2011).

O aumento desses fenômenos também teria sido favorecido quando o Papa Paulo IV, por decreto em 15 de novembro de 1966 suprimiu os artigos 1399 e 2318 do Código do Direito Canônico, que proibiam a leitura e publicações referentes a aparições e manifestações sem “*imprimátur*”, ou seja, sem a autorização expressa de uma autoridade eclesiástica (SILVA, 1997: 27-28)

Entretanto, a CED orienta que as mensagens emitidas nessas aparições e revelações particulares além de não poderem contrariar os princípios da fé cristã, em geral, seguiriam uma estrutura básica de quatro *elementos*. Esses elementos, como podemos observar abaixo, evidenciam o caráter escatológico desses fenômenos:

- a) Elas revelam uma *visão apocalíptica* da sociedade, do mundo e da Igreja. Pintam um quadro catastrófico de decadência religiosa, moral e social, semelhante às épocas do dilúvio, da Torre de Babel, de Sodoma e Gomorra, de Nínive.
- b) Segue a ameaça de *castigos* iminentes sobre a humanidade, caso os homens perseverem no mal; “Preparem-se, porque a hora do terrível castigo chegou”. “O cálice transborda, e não há mais tempo!”
- c) Depois, vem o apelo para a *conversão*, tentando demover do mau caminho e conclamando para um movimento universal de renovação.
- d) Por fim, há a indicação dos meios e caminhos alternativos para a restauração universal. Esses meios são comumente: evitar o pecado, a vaidade, o excesso de riqueza e as diversões mundanas. Recomendam a penitência, o jejum e o sacrifício, a frequência aos sacramentos, a oração como o terço, a jaculatória, as visitas ao Santíssimo, devoções, consagrações a Nossa Senhora (APARIÇÕES..., 2005:43-44).

Segundo Olívio Cesca (2001: 5), Nossa Senhora declara que a finalidade das suas advertências é preparar-nos para a segunda vinda de Jesus que seria precedida por desgraças, tribulações e catástrofes. Cesca (2001: 8) chama a atenção para as mensagens mais recentes de Nossa Senhora que teriam a conotação de urgência e gravidade, não existente nos primeiros anos de aparições. O fato das imagens e estátuas que no começo vertiam lágrimas de água e que agora verteriam sangue, indicaria que o castigo se aproxima.

O prelúdio das manifestações marianas de cunho apocalíptico teve lugar em 1830, quando Nossa Senhora apareceu à noviça Catharina Labouré, no Convento das

Filhas de Caridade, à Rue Du Bac, 140, em Paris, e teria alertado sobre o início do reino de Satanás no mundo. Nesta ocasião também teria pedido que fosse cunhado, segundo o modelo que apresentou, uma medalha de Nossa Senhora das Graças, que se tornaria conhecida como a Medalha Milagrosa (SILVA, 1997: 29)

Porém, de acordo com Cesca (2001: 8-22), a primeira manifestação solene, advertindo para a iminência de uma tragédia, ocorreu em La Salette, um vilarejo nos Alpes franceses. Maria teria aparecido a dois pastores Melânia Calvat (15 anos) e Maximino Giraud (11 anos), no dia 19 de setembro de 1846. Nessa aparição Nossa Senhora teria revelado um segredo para cada criança, dos quais apenas o Segredo de Melânia seria publicado em 1879. Ela transmitia uma profecia sobre "o fim de todos os fins" e apresentava um plano de batalha, que possibilitasse evitar a catástrofe. A Virgem Maria, também, teria ditado a Regra que deveria nortear a "Ordem da Mãe de Deus" e profetizado que Roma perderia a fé e se tornaria a sede do Anticristo. Seu segredo prediz que:

A terra será castigada com todo tipo de calamidades (além da peste e da fome, que serão gerais). Uma série de guerras terá lugar antes da última, na qual combaterão os dez reis aliados do Anticristo, que serão os únicos governantes do mundo. Antes disto, porém, haverá uma falsa paz. (CESCA, 2001: 17).

No fim, porém, São Miguel Arcanjo precipitará o anticristo e seus seguidores, “*nos abismos eternos do inferno*”. Então, a água e o fogo purificarão a terra e tudo será renovado. Segundo Cesca (2001: 11, 19), o Papa João Paulo II considerava as profecias de La Salette “o coração das profecias de Maria”.

No entanto, apesar da Igreja, na prática, não impedir que se acredite nas aparições e revelações, oficialmente não lhes dá um assentimento de fé católica.

Essas aparições ou revelações não foram aprovadas nem condenadas pela Santa Sé. Foram apenas aceitas como merecedoras de piedosa crença, com fé puramente humana, em vista da tradição de que gozam, também confirmada por testemunhas e documentos idôneos (APARIÇÕES..., 2005: 56).

Daí diferenciarmos doutrina e crença partindo dos conceitos de “tática” e “estratégia” de Michel de Certeau (1994: 40), pois percebemos que as doutrinas

estariam para as estratégias, assim como as crenças estariam para as táticas. Então, as estratégias seriam todo o discurso disciplinante e doutrinário que a Igreja emprega, e as táticas, as formas encontradas pelos fiéis e pelos próprios ministros de adaptarem essas normas às suas práticas na sociedade e na vida particular. As doutrinas seriam estáticas, imóveis, enquanto as crenças, (por exemplo, nas aparições e revelações particular) seriam maleáveis, elas permitiriam que seus usuários fizessem uma bricolagem com as religiões, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses das doutrinas, segundo seus interesses próprios e suas regras.

Segundo a CED, dentre os fatores que mais influenciaram na multiplicação e repercussão de aparições e revelações particular no Brasil, destacava-se a situação de “crise epocal” que o final do século XX vivenciou:

... fala-se em fim de uma era, de uma civilização. A insegurança da transição para outra era provoca um trauma. Tem-se a sensação de que o mundo está acabando. [...] Diante disso, muitas pessoas se refugiam na religião, como última tábua de salvação. Pululam os messianismos e os apelos patéticos ao transcendente (APARIÇÕES..., 2005: 44-45).

De acordo com Eric Hobsbawm (1995: 15-16), “à medida que a década de 1980 dava lugar à de 1990, o estado de espírito dos que refletiam sobre o passado e o futuro do século era de crescente melancolia *fin-de-siècle*”. Para Sandra Pesavento (1994: 127), isso se devia ao fato de que ao contrário do fim do século XIX, marcado “pela crença no poder da ciência e da razão e embalado pelo mito do progresso, nosso final de milênio vive uma crise dos paradigmas até então norteadores da vida e legitimadores do conhecimento”. Esses sentimentos teriam favorecido, conforme José Queiroz (2003: 71), na virada do século e do milênio uma explosão do sagrado, em escala mundial. Um grande *revival* de crenças escatológicas, segundo Le Goff (1996: 14, 283), que buscariam dominar o tempo e a história e satisfazer as aspirações de felicidade e justiça ou ainda responder aos temores face ao desenrolar inquietante dos acontecimentos.

Conforme a CED, se vivia um clima de busca do “maravilhoso”, do “extraordinário”. Cultivar-se-ia “uma expectativa de experiências de carismas extraordinários e um universo próprio de experiências psicológicas e simbólicas” que tornaria as pessoas predispostas a esperar por fenômenos espetaculares. A CED apontou como os principais responsáveis por esse clima os pentecostais e grupos semelhantes

que enfatizariam a manifestação sensível do Espírito Santo e transmitiriam: “uma visão pessimista do mundo e da Igreja, como forma de reação frente ao desenvolvimento das sociedades, sobretudo ocidentais e frente à instabilidade institucional e doutrinal das Igrejas tradicionais” (APARIÇÕES..., 2005: 46).

Essa preocupação da Igreja Católica com os pentecostais fica evidente quando analisamos os dados da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que revelam que a Igreja Católica perderia em média 600 mil fiéis, principalmente para outras religiões derivadas do cristianismo, entre elas as de orientação pentecostal e neopentecostal (ALMANAQUE ABRIL 2001: 127). Contudo, a queda do número de católicos estaria sendo acompanhada por um reavivamento interno fortemente vinculado ao Movimento de Renovação Carismática que se aproxima do pentecostalismo ao reafirmar a presença do Espírito Santo (MARIZ; LOPES, 2009: 75-108).

Portanto, uma visão pessimista do mundo não seria apenas de exclusividade pentecostal. O jornalista Claudio Julio Tognolli (1994: 3), da "Folha de São Paulo", afirmou baseado nas estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), que entre 30 e 35 milhões de fiéis brasileiros acreditavam que o juízo final, ou o dia do apocalipse, poderia acontecer entre 1994 e o ano 2000. Dentre esses estariam alguns fiéis da Igreja Católica, que atormentados pelo fantasma do juízo final, saíram às ruas pregando o fim do mundo.

Por fim a CED aponta que um final de século e de milênio seria um “momento fértil para o surgimento de messianismos e movimentos milenaristas. [...] que se aninham no inconsciente coletivo e encontram uma oportunidade para emergir.” (APARIÇÕES..., 2005: 61). E podemos dizer que esse “inconsciente coletivo” seria fortemente alimentado pela própria Igreja, pois, segundo Cesca (2001: 44-45), várias aparições marianas apontavam o fim dos tempos para “o fim deste milênio ... ainda neste século... no grande jubileu do ano 2000”. Da mesma forma o papa João Paulo II, grande devoto de Nossa Senhora, teria repetido dezenas de vezes que tudo aconteceria “no final do milênio ... no ano 2000... no grande jubileu do ano 2000”. Inclusive ele teria rezado com insistência, em novembro de 1999, pedindo ao Pai: “Mais tempo, Senhor... precisamos de mais tempo para salvar...”, como divulgou o padre Jonas Abib⁶,

⁶ Em, 1978, o Pe. Jonas Abid iniciou à comunidade de vida Canção Nova em Queluz, São Paulo.

na TV Canção Nova.

Tendo em mente o pressuposto defendido por Marieta Ferreira (2005: 111), que “os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”. Entendemos que as crenças escatológicas foram lembradas à luz de referências concretas, dos movimentos e profecias presentes na memória dos fiéis católicos, estimuladas e ressignificadas em virtude das necessidades do presente, ou seja, da ansiedade com o eclipse solar de 1999 e a aproximação do ano 2000. Por sua vez, conforme Michel Maffesoli (2001: 81), a mídia ao captar o que circulava na sociedade teria contribuído para a circulação e potencialização das mesmas, favorecendo e permitido a expressão de uma emoção comum, no caso a síndrome de fim de século.⁷

TRÊS DIAS DE TREVAS

A crença que haveria três dias de trevas apocalípticas teria sido reativada com o eclipse solar que ocorreu em 11 de agosto de 1999. Tal eclipse suscitou diversos comportamentos e crenças, no Brasil e no mundo, tais como: alguns cristãos acreditaram que seria o indício do "fim dos tempos" pregado na Bíblia; seguidores de Nostradamus (1503-1566) vislumbraram o sinal que deveria marcar a vinda do Grande Rei do Terror, anunciado nas Centúrias; e astrólogos e esotéricos propagaram que seria o início da Era de Aquário, com sérias transformações na Terra e o surgimento de uma nova consciência no homem. Todavia, o eclipse, também, estimulou o turismo nos locais onde foi visível e teve dois bilhões de telespectadores, assim, como propagandas que anunciaram: “Como o mundo não acabou, festeje com...” (FRANCO JÚNIOR, 1999: 80-81).

A revista *Época* apontou que, em 1999, no Nordeste, "seitas" milenaristas se propagaram pregando o fim dos tempos (ADEODATO, 1999). Então, não foi de se estranhar quando: no Piauí, um dia antes do eclipse, três pessoas se mataram

Tornando-se uma referencia para as demais comunidades católicas carismáticas (MARIZ; LOPES, 2009: 79-80).

⁷ Segundo Hillel Schwartz (1995), “a síndrome do fim do século, aquele misto de terror e êxtase diante de um ano cujo último dia pode marcar o fim do mundo ou início de uma era paradisíaca de paz e felicidade.”

imaginando que com ele chegaria o Apocalipse; e um delegado, na Paraíba, soltou todos os seus presos, pois acreditava que no dia seguinte ao eclipse o mundo não fosse mais existir (FRANCO JÚNIOR, 1999: 82). Por sua vez, no Cariri, Ceará, grupos de penitentes e profetas advertiram que o eclipse do sol seria o primeiro sinal de que o mundo iria se acabar antes da passagem do milênio (GRUPO DE PENITENTES..., 1999). José Ave de Jesus, líder dos Penitentes do Rosário da Mãe de Deus de Juazeiro do Norte, declarou: “o mundo pode se acabar hoje, amanhã, ou depois. Não tem data certa. O que eu posso dizer é que não passará do ano 2000. Está nas escrituras sagradas que o mundo vai se acabar com fogo na passagem do milênio” (PENITENTES DE JUAZEIRO..., 1999).

Estigmatizações a parte, segundo o Censo 2000, o Nordeste seria a região mais católica do Brasil (79,9%). Para Antoniazzi (2003: 75-80) esse alto índice se deveria à força da tradição do catolicismo popular santorial.⁸ Catolicismo repleto de imagens apocalípticas, como as que aludem ao escurecimento do sol: “o sol tornou-se negro como saco de cilício” (Ap. 6, 13); “foi ferida a terça parte do sol” (Ap. 8, 12); “a fumaça do poço, escureceu-se o sol e o ar” (Ap. 9, 2); “Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá” (Mt 24, 29); “e houve trevas espessas sobre a terra do Egito por três dias” (Êx. 10, 21-22). Segundo Mircea Eliade (1998: 124),

... nas regiões do norte, a redução crescente dos dias à medida que se aproxima o solstício do inverno inspira o temor de que o sol possa extinguir-se. Em outras regiões acontece que este estado de alarme se traduza em visões apocalípticas: a queda ou o obscurantismo do Sol são tidos como sinais do fim do mundo, quer dizer, da conclusão do ciclo cósmico (seguida, na maioria dos casos, de uma nova cosmogonia e de uma nova raça humana).

Portanto, essas passagens não só mostrariam o reconhecido do importante papel astronômico e biológico do Sol, mas como também revelariam os resíduos de numerosas hierofanias⁹ arcaicas do sol conservadas nas tradições populares e religiosas

⁸ De acordo Etienne Higué (1984: 29): “o catolicismo popular santorial e devocional é uma religião caracterizada pelo misticismo. Espontâneo, criativo, leigo, dispensando a mediação sacramental e doutrinal da instituição eclesial e de seu principal representante, o padre, o catolicismo popular procura proteção através de um contato imediato com o sagrado – na sua ambigüidade fundamental de atração e repulsa – que ele encontra na natureza e na história, realizando assim uma sacralização simbólica da vida cotidiana. A espinha dorsal da religiosidade popular é mística, ou seja, é a sua espiritualidade. Está presente em todas as expressões do catolicismo e em todos os graus da consciência popular.”

⁹ Conforme Eliade (2001: 17), hierofania seria algo de sagrado que se nos revela, seria “a manifestação de

judaicas e cristãs. Encontramos vestígios na data em que é celebrado o nascimento de Cristo, 25 de dezembro, “dia de nascimento” de todas as divindades solares orientais, data em que o Imperador Aureliano (270-275) fixou o aniversário do Deus *Sol Invictus*, buscando assegurar a unidade do Império com uma teologia solar de estrutura monoteísta. (ELIADE, 1983: 180). Assim, Cristo, o deus (herói) solar, salva o mundo, renova-o e inaugura uma nova organização do universo. (Id., 1998: 125).

Na imagem de sua Mãe também encontraríamos palimpsestos¹⁰ das hierofanias solares, como quando Ela se torna a “Mulher vestida do sol” no Apocalipse (12: 1) e quando Ela em nome de Cristo anuncia, segundo Cesca (2001: 6), que a terra sofrerá “três dias de trevas” sem a luz de Jesus, a exemplo do que aconteceu com ele mesmo, que passou três dias debaixo da terra.

Breve, haverá três dias de trevas consecutivos...esses dias serão de muito sofrimento para todos vós. Prometo a todos aqueles que estão do meu lado que não lhes faltará a luz. Peço que tenhais em casa velas bentas pelos sacerdotes. Não tenhais medo, fazei o que vos digo!.(MENSAGEM ..., 2010).

Essa seria uma mensagem de Nossa Senhora Rainha da Paz revelada a Pedro Régis Alves, em Angüera, Bahia, no dia 03 de dezembro de 1988.¹¹

NESTE FINAL DE SÉCULO

A "Estrela da Manhã", como se apresentou a Euripedes Antônio Batista, no dia 23 de dezembro de 1992, em São Sebastião do Alto, no Rio de Janeiro, também teria alertado sobre o final do século: “o Terço, que tem o poder de acorrentar satanás e seus comparsas neste final de século...” (SILVA, 1997: 39).¹²

A crença de que o mundo acabaria antes de 2000 foi também amplamente

algo ‘de ordem diferente’ — de uma realidade que não pertence ao nosso mundo — em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’.”

¹⁰ Palimpsesto: pergaminho manuscrito medieval em que, por raspagem, se fez desaparecer a primeira escrita para nele escrever de novo, mas do qual, por vezes, se tem conseguido fazer reaparecer, por processos químicos, os caracteres do texto primitivo.

¹¹ Nossa Senhora teria se apresentado como a Rainha da Paz a Pedro Régis no dia 29 de setembro de 1987, no distrito de Bonfim de Feira, próximo a Angüera. Suas mensagens seriam recebidas até hoje. A aparição está sendo examinadas pela Igreja.

¹² As aparições ocorrerem do dia 24 de maio de 1992 até o dia 13 de maio de 1999. Em 21 de junho de 1994, Nossa Senhora teria avisado que o estado do Rio de Janeiro teria uma única aparição e teria se referido ao Brasil como "a menina dos olhos de meu Filho" (SILVA, 1997: 25-26, 35-37).

explorada pela imprensa. Segundo Hillel Schwartz (1995: 412-413), o ano 2000 teria sido o tradicional ponto final das profecias, dos calendários “perpétuos”, das previsões “de longo prazo”. Ele carregaria o peso emocional cumulativo de milhares de esperanças adiadas e previsões não cumpridas. Nenhuma data, nenhum número mágico além do ano 2000 teria aglutinado ao seu redor uma série tão extraordinária de apostas proféticas. Nem mesmo o ano 2001.

Segundo Jean Delumeau (1997: 21-22), a focalização do número mil, se explicaria por uma convergência de influências e de textos: por muito tempo a tradução mais habitual do salmo (90, 4) foi que “mil anos são como um dia”; e o Apocalipse (20, 1-5) fixaria de maneira definitiva a duração do reinado de Cristo, “reinaram com Cristo por mil anos”, período em que Satanás também ficaria aprisionado. Essas leituras seriam freqüentemente ressignificadas por nossos “Nostradamos cabocos” como pudemos perceber nas tradições imemoriais citadas por Câmara Cascudo.

Para a revista Isto É, esses temores eram alimentados pela própria Igreja Católica que faria “uso de tempos em tempos da lembrança do apocalipse”, pois a civilização cristã estaria calcada na doutrina salvacionista do Juízo Final: “Se não houver um horizonte apocalíptico mais de dois mil anos de civilização marcada pela culpa podem ser colocados no lixo.” Em entrevista, em 08 de maio de 1996, o professor Warren Carroll, especialista no estudo do fenômeno de Fátima, lembrou que “foi a própria Igreja quem difundiu a idéia de que a última revelação dava conta do fim do mundo.” O frei Leonardo Boff, teólogo da Libertação, por sua vez, afirmou que tudo se trataria de uma “típica técnica de dominação ocidental” (BRIGUGLIO, 1996: 118-123).

Segundo Cesca (2001: 22-31), Nossa Senhora de Fátima teria aparecido, em 13 de maio de 1917, em Portugal, aos pastorinhos Lúcia de Jesus dos Santos e seus dois primos Francisca e Jacinta Marto. Porém, somente, em 31 de agosto de 1941, Lúcia, que se tornará freira carmelita, teria revelado dois dos três segredo. O Primeiro Segredo era a visão do inferno, para onde iriam os pecadores que poderiam se salvar com a devoção ao seu Imaculado Coração. O Segundo Segredo alertava sobre o início da II Guerra Mundial: se as pessoas “*não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI, começará outra guerra pior*”. Para evita-lá, pedia que a Rússia fosse consagrada ao seu Imaculado Coração e se introduzisse a prática da comunhão reparadora dos cinco primeiros sábados.

O terceiro devia ser revelado, o mais tardar até 1960, pois ele apareceria mais claro. Segundo Cesca (2001: 31, 37, 41), o papa Paulo VI teria desmaiado ao lê-lo, e o Papa João XXIII teria exclamado: “Não posso tornar público este texto, para não provocar pânico no mundo inteiro. Não quero ser profeta de desgraças”.

Outro fato que teria alimentado que o terceiro segredo revelava que o mundo acabaria no final do século XX, foi a publicação pelo jornal alemão “Neues Europa”, em 15 de outubro de 1963, de uma “cópia diplomática” sigilosa. Essa cópia teria sido produzida a pedido do papa Paulo VI que temendo a “guerra fria” teria enviado o resumo do terceiro segredo aos líderes das três grandes potências mundiais da época – John Kennedy, dos Estados Unidos; Primeiro ministro Britânico, Mac Millan, e Kruchev, da União Soviética – pedindo-lhes que antecipassem para agosto daquele ano o acordo de cessação das experiências atômicas. No dia 6 de agosto, em Moscou, o acordo foi assinado com a adesão de noventa países.

Inclusive, um jornal do Vaticano, “L’Osservatore della Domenica”, teria publicado a “cópia diplomática”, em 15 de outubro de 1978, sob o título “Profecia e realidade”, com a assinatura do padre Corrado Balducci. Segundo Cesca (2001: 41-43), essa “cópia” repetia as profecias de La Salette, e declarava que *“uma grande guerra se desencadeará na segunda metade do século XX. [...] Milhões e milhões de homens perderão a vida de uma hora para outra, e os sobreviventes invejarão a sorte dos mortos”*. Nenhuma autoridade eclesiástica viria a desmentir tal documento.

O vaticano somente tornaria público o suposto Terceiro Segredo de Fátima, em 26 de junho de 2000, no mês seguinte a beatificação dos videntes Francisco e Jacinta. O texto apresentado fora acompanhado de um comentário teológico do cardeal Ratzinger e referia-se a tentativa de assassinato do Papa, na Praça de São Pedro, em 13 de maio de 1981. De acordo com o teólogo Léo Persch, teriam sido divulgadas somente quatro páginas do manuscrito da irmã Lúcia que abrangeria quarenta e três. Para Cesca (2001: 35-36), “nada do que dizem as quatro páginas publicadas aconteceu naquele dia”. Então, esse segredo continuaria alimentando o imaginário de muitos fiéis.

Assim, podemos perceber a grande maleabilidade dessas crenças que reagiriam conforme a própria mutabilidade dos vaticínios, como quando Nossa Senhora, apesar de mencionar períodos e datas em suas mensagens, adverte, em 21 de janeiro de

1984, através do Padre Gobbi que:¹³

Não quereis vos deter nas previsões que vos faço, procurando, por meio delas, fazer-vos compreender os tempos em que viveis. Na qualidade de Mãe, vos advirto para os perigos que correis, as ameaças que pairam sobre vós todo mal que vos pode suceder. Mas isto eu faço porque esse mal pode ainda ser evitado, os perigos podem ser mudados de um momento para outro, pelo poder da oração e da vossa penitência reparadora. Portanto, não digas: ‘Quantas coisas que nos predisseste não se verificou’. Pelo contrário, agradecei comigo ao Pai Celeste que ainda desta vez cedeu o espaço da justiça à sua grande misericórdia. (CESCA, 2001: 44-45).

Portanto, percebemos conforme Koselleck (2006: 32, 310), que se os vaticínios de um profeta não são cumpridos, isso não significa que ele tenha se enganado. Por seu caráter variável, as profecias podem ser reiteradas e prolongadas a qualquer momento. “Mais ainda: a cada previsão falhada, aumenta a certeza de sua realização vindoura.” Dessa forma, criaria-se, e ao mesmo tempo, fortaleceria-se um horizonte de expectativa. Sendo que, “esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEODATO, Sérgio. Apocalipse no sertão. **Época On-line**. São Paulo: Ed. Globo, n. 81, 06 dez. 1999. Seção Fim de Milênio. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/especiais/jovem/index.htm>> Acesso em: 09 ago. 2005.

ALMANAQUE ABRIL 2001, Edição Brasil. 27. ed. São Paulo: Ed. Abril, 2000.

ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o censo 2000. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 75-80, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_antoni.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2010.

APARIÇÕES E REVELAÇÕES PARTICULARES. Comissão Episcopal de Doutrina (CED – CNBB). São Paulo: Paulinas, 4 ed, 2005. (Coleção Subsídios Doutrinários da CNBB).

¹³ Segundo Cesca (2001: 135-142), o Padre italiano Stefano Gobbi teria recebido mensagens de Nossa Senhora de 07 de julho de 1973 a 30 de dezembro de 1997. Essas mensagens foram reunidas no livro “Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora”, que também conta a história do Movimento Sacerdotal Mariano, organizado pelo padre, que teria como objetivo difundir a consagração ao Coração Imaculado de Maria.

APARIÇÕES MARIANAS. Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Apari%C3%A7%C3%B5es_marianas>. Acesso em: 26 fev. 2011.

BRIGUGLIO, Nunzio. Profecias Milenares. **Isto É**. São Paulo: Ed. Três, n. 1388, p. 118-123, 08 mai. 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2001.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 9. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CESCA, Olivio. **A profetisa dos tempos finais: profecia mariana sobre os últimos tempos, de La Salette aos nossos dias**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Myrian, 2001.

DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade. uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas: de Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo, das provações do Judaísmo ao Crepúsculo dos Deuses**. 2 ed., tomo II, v. 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O Ano 1000: tempo de medo ou de esperança?** São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Coleção Virando Séculos).

GRUPO DE PENITENTES aguarda o fim do mundo. **Diário do Nordeste Online**. Fortaleza, 10 ago. 1999. Caderno Regional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/10/>>. Acesso em: 19 fev. 2006.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: MARASCHIN, Jaci Correia (Org). **Religiosidade popular e misticismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas; Centro de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior, ano II, n. 2, p. 21-62, jun. 1984.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita e Maria Célia Paoli. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNQUEIRA, Eduardo. O Papa e o Juízo Final. **Veja**. São Paulo: Abril, ed. 1484, ano

30, n. 8, p. 104-105, 26 fev. 1997.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MARIZ, Cecília L; LOPES, Paulo Victor Leite. O reavivamento católico no Brasil e o caso da Toca de Assis. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org). **Catolicismo Plural**: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 75-108.

MENSAGEM de Jesus e Maria sobre três dias de escuridão. Disponível em: <<http://www.fimdostempos.net/trevas2.html>> Acesso em: 21 ago. 2010.

O SONHO DO POVO DE DEUS: as comunidades e os movimentos apocalípticos. São Paulo: Publicações CRB/ Edições Loyola, v. 7, 1996. (Coleção Tua Palavra é Vida).

PENITENTES DE JUAZEIRO vivem um dia de tensão. **Diário do Nordeste Online**. Fortaleza, 12 ago. 1999. Caderno Regional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/12/>>. Acesso em: 04 mar. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, Claudia. et. al. **Porto Alegre na virada do século 19**: cultura e sociedade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/Ed. UNISINOS, 1994.

QUEIROZ, José J. Questão da religião: religião e religiões no século XXI. In: ROMÃO, José Eustáquio; SANTOS, José Eduardo de Oliveira (Coord.). **Questões do Século XXI**. Tomo II. São Paulo: Cortez, v. 100, 2003, p. 67-10.

SCHWARTZ, Hillel. **Fim de século**. 5. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1995.

SILVA, Dirce Bastos Pereira da. **O Rosário**: ao término do II Milênio da era Cristã, ano 2000. São Paulo: MIR Editora, 1997.

TOGNOLLI, Claudio Julio. 35 milhões esperam o dia do apocalipse. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 jul. 1994. Caderno Especial. p. A3. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fs...94/7/11/caderno_especial/5.html>. Acesso em: 24 nov. 2010.